

O MANUAL DE INSTRUÇÕES

Aqui sentado a olhar pela janela do edifício
Gostava de não ter de escrever o manual de instruções sobre os usos de
um novo metal.
Olho lá para baixo para a rua e vejo as pessoas, indo cada uma delas em
paz interior,
E invejo-as — estão tão longe de mim!
Nenhuma delas tem de se preocupar com a saída deste manual dentro do
prazo.
E como é meu hábito, ponho-me a sonhar, pousando os cotovelos na
secretária e debruçando-me ligeiramente da janela,
Com a apagada Guadalajara! Cidade das flores cor-de-rosa!
Cidade que eu mais queria ver, e menos acabei por ver, no México!
Mas julgo estar a ver, sob a pressão de ter de escrever o manual de
instruções,
A tua praça pública, oh cidade, com o seu elaborado pequeno coreto!
A banda está a tocar a *Xehrazade* de Rimski-Korsakov.
À volta estão as floristas, oferecendo flores cor-de-rosa ou de limão,
Atraentes todas nos seus vestidos às riscas azuis e rosa (Ah! esses tons
de azul e rosa),
E ao lado é a tendinha branca onde mulheres vestidas de verde nos
servem fruta amarela e verde.
Os casais passeiam-se; toda a gente está com ar de festa.
À frente, encabeçando o passeio, está um sujeito bem-posto
Vestido de azul-escuro. Na cabeça traz um chapéu branco
E usa bigode, que foi espontado para a ocasião.
O seu encanto, a mulher, é bonita e nova; o xaile dela é rosa, avermelhado
e branco.
As chinelas são de couro genuíno, à moda americana,
E traz um leque, porque é modesta, e não quer que a multidão lhe veja
demasiado a cara.
Mas toda a gente está de tal modo entretida com a mulher ou os familiares
Que duvido que reparem na mulher do homem de bigode.
Cá estão os rapazes! Vêm a saltar e a atirar coisinhas para cima do

passeio

Feito de ladrilhos cinzentos. Um deles, um pouco mais velho, tem um palito nos dentes.

É mais calado que os outros, e faz de conta que não repara nas bonitas rapariguinhas de branco.

Mas os amigos dele reparam, e mandam as suas bocas às raparigas que riem.

Em breve todavia tudo isto terá acabado, com o decorrer dos anos,

E o amor trará cada um deles a este passeio por outras razões.

Com isto perdi de vista o jovem do palito.

Um momento — lá está ele — do outro lado do coreto,

Escondido dos amigos, em conversa fechada com uma rapariga

De uns catorze ou quinze anos. Tento escutar o que estão a dizer

Mas parece que estão só a sussurrar qualquer coisa — tímidas palavras de amor, provavelmente.

Ela é ligeiramente mais alta do que ele, e olha-lhe calada para dentro dos olhos sinceros.

Está vestida de branco. A brisa emaranha-lhe o belo cabelo negro comprido contra a face morena.

Está obviamente apaixonada. Quanto ao rapaz, o jovem rapaz do palito, também ele está apaixonado;

Vê-se nos olhos. Ao afastar-me deste par,

Reparo que há um intervalo no concerto.

Os desfilantes estão a descansar e a sorver por palhinhas tragos das bebidas (As bebidas são aviadas de uma grande caneca de vidro por uma senhora de azul-escuro),

E os músicos andam no meio deles, com o branco sujo dos seus uniformes, e falam

Do tempo, provavelmente, ou de como os filhos se dão na escola.

Aproveitemos a ocasião para entrar de mansinho numa das ruas laterais.

Podemos ver aqui uma dessas casas brancas com adornos verdes

Que são aqui tão populares. Vejam — eu bem vos disse!

É fresco e escuro lá dentro, mas o pátio é soalheiro.

Uma velha de cinzento está lá sentada, abanando um leque de folha de palma.

Dá-nos as boas-vindas ao pátio e oferece-nos uma bebida fresca.
«O meu filho está na cidade do México», diz-nos. «Também vos recebia
Se cá estivesse. Mas está lá a trabalhar num banco.
Olhem, é uma fotografia dele.»
E um rapaz de pele escura com dentes cor de pérola sorri-nos da gasta
moldura de couro.
Agradecemos-lhe a hospitalidade, porque se está a fazer tarde
E queremos ter uma panorâmica da cidade, antes de partirmos, de um
bom lugar elevado.
Aquele torre de igreja serve — a cor de rosa velho, ali contra o ardente
azul do céu. Entramos devagar.
O guarda, um velhote vestido de cinzento e castanho, pergunta-nos há
quanto tempo estamos na cidade, e se gostamos de cá estar.
A filha dele está a esfregar os degraus — cumprimenta-nos quando
passamos à torre.
Em breve chegamos ao topo, e todo o reticulado da cidade se estende à
nossa frente.
Ali é a zona rica com as suas casas brancas e rosa e os seus terraços a
esfarelar-se, cheios de folhas.
Ali é a zona mais pobre com as suas casas azuis-escuras.
Ali é o mercado onde há homens a vender chapéus e a enxotar moscas
E ali é a biblioteca pública pintada de vários tons de verde-claro e
bege.
Olhem! Ali é a praça de onde viemos, onde as pessoas passeiam.
Há menos a fazê-lo, agora que o calor do dia aumentou,
Mas o rapaz e a rapariga ainda se escondem nas sombras do coreto.
E ali é a casa da velhota —
Ainda está sentada no pátio, a abanar o leque.
Como foi limitada, mas ao mesmo tempo completa, a nossa experiência
de Guadalajara
Vimos um amor juvenil, amor conjugal, e o amor de uma mãe idosa pelo
seu filho.
Ouvimos a música, provámos as bebidas, e olhámos para casas coloridas
Que mais há a fazer, senão ficar? Mas isso não pode ser.
E enquanto uma última brisa refresca o topo da velha torre exposta, volto
a olhar
Para o manual de instruções que me fez sonhar com Guadalajara.

ALGUMAS ÁRVORES

Estas são notáveis: cada uma
Ligando-se à seguinte, como se a fala
Fosse uma representação imóvel.
Combinando por acaso

Encontrar-nos tão distantes esta manhã
Do mundo como concordes
Com ele, tu e eu
Somos de repente o que as árvores tentam

Dizer-nos que somos:
Que só o aí estar delas
Significa algo: que em breve
Poderemos tocar-nos, amar, explicar.

E contentes por não termos inventado
Um tal decoro, estamos cercados:
Um silêncio já cheio de ruídos,
Uma tela em que emerge

Um coro de sorrisos, uma manhã de Inverno.
Postos sob uma luz enigmática, e movendo-se,
Os nossos dias adoptam uma tal reticência
Que estas inflexões parecem a sua própria defesa.

«DURANTE QUANTO TEMPO MAIS PODEREI
HABITAR O DIVINO SEPULCRO...»

Durante quanto tempo mais poderei habitar o divino sepulcro
Da vida, meu grande amor? Mergulham ao fundo os golfinhos
Para buscar a luz? Ou é rocha
O que se procura? Inexoravelmente? Ah. E se algum dia

Homens com pás laranja vierem abrir a rocha
Que me encerra, que dizer da luz que entrará então?
Que dizer do cheiro da luz?
Que dizer do musgo?

Em tempos peregrinos ele feriu-me
Desde então estou aqui deitado
O meu leito de luz é uma fornalha sufocando-me
De inferno (às vezes ouço água salgada a pingar).

Falo a sério — porque sou um dos poucos
Que sustiveram a respiração debaixo da casa. Troco
Um chupa vermelho por dois azuis. O meu
Nome é Tom. A

Luz ressalta das rochas musgosas descendo até mim
Neste desfiladeiro (a linda vivenda! que
Quando ele tinha não quis tivesse ele de
E brinca sob a picada da alfena

Que nas quentes noites primaveris perfuma os quartos vazios
Com o cheiro do esperma lançado à sanita
Nas quentes tardes de Verão à beira-mar.
Se soubesses porquê então professor) lê

Aos amigos. Bebe comigo só com
E o leitor é transportado